

**Canções em Quadrinhos na Web: experiências poético-estéticas que mesclam canções e HQ.
Songs Comics Web: poetic-aesthetic experiences that mix songs and HQ.**

Laan Mendes de Barros (Brasil).¹

laan.mb@uol.com.br

Universidade Estadual Paulista

Resumo

Experiências poéticas e estéticas em discursos gráfico-musicais presentes na Web. Reflexões sobre os discursos midiáticos no contexto da sociedade em rede e da cibercultura, problematizadas por Manuel Castells e Pierre Lévy. Reflexões sobre os fenômenos estéticos contemporâneos, do objeto estético à percepção estética, a partir da fenomenologia da experiência estética de Mikel Dufrenne e dos ensaios de hermenêutica de Paul Ricoeur. Reflexões sobre os cenários de hibridações culturais e interculturalidades, de hibridações tecnológicas e mediações intermidiáticas, analisado por Néstor García Canclini, Henry Jenkins e Octavio Ianni. A experiência estética desdobrada em experiência poética, na perspectiva da Estética da Recepção da Escola de Konstanz. Breve análise de duas experiências poético-estéticas, que articulam canções (música e versos) e história em quadrinhos: a) a banda / estúdio gráfico SopaGrafix, em seu tour entre São Paulo e Buenos Aires; e b) o blog Quadrinhos Rasos, que publica adaptações de canções em linguagem de HQ.

Palavras-Chave: Discursos Midiáticos. Experiência Estética. Cibercultura. Música. História em Quadrinhos.

Resumen

experiencias poéticas y estéticas en los discursos gráfico-musicales presentes en la Web. Reflexiones sobre el discurso de los medios en el contexto de la sociedad red y la cibercultura, problematizada por Manuel Castells y Pierre Lévy. Reflexiones en torno a los fenómenos estéticos contemporáneos, el objeto estético de la percepción estética, de la fenomenología de la experiencia estética de Mikel Dufrenne y las pruebas de la hermenéutica de Paul Ricoeur. Reflexiones sobre el escenario de hibridaciones y interculturalidades culturales, tecnológicos y las hibridaciones intermidiáticas mediaciones analizados por Néstor García Canclini, Henry Jenkins y Octavio Ianni. La experiencia estética se desarrolló en la experiencia poética desde la perspectiva de la estética de recepción de la Escuela de Constanza. Breve análisis de dos experiencias poético-estéticas, la vinculación de canciones (música y versos) y cómics: a) la banda / gráfico del estudio SopaGrafix en su recorrido entre Sao Paulo y Buenos Aires; y b) el blog Comics Rasos, que publica adaptaciones de canciones en lenguaje HQ.

Palabras clave: discurso de los medios. La experiencia estética. Cibercultura. Música. Historietas

Introdução

Retomo neste artigo trabalhos apresentados no GT Comunicação e Experiência Estética do XXI e do XXII Encontros Anuais da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – (BARROS, 2012 e 2013a), um trabalho apresentado no XII Congresso da ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de las Ciencias de la Comunicación, (BARROS, 2014), e um artigo publicado na revista Comunicação, Mídia e Consumo, da ESPM (BARROS, 2013b).

Este artigo combina, de um lado, a reflexão teórica sobre a fenomenologia da experiência estética, com articulações entre as esferas do objeto estético e da percepção estética, em um contexto de hibridações culturais e interculturalidades; e, de outro lado, a análise de algumas narrativas que podem ser compreendidas como transmidiáticas e intertextuais, pois mesclam música e linguagem visual, em processos de adaptações e releituras que se servem da interatividade dos meios de comunicação digitais interconectados em rede. Delineio aqui algumas articulações entre Comunicação, Cultura e Arte e procuro compreender as interações entre criação e fruição, a partir do estudo de experiências poético-estéticas – presentes em produções midiáticas disponíveis na Internet – que articulam linguagens dos universos da canção popular e da história em quadrinhos.

Nestas reflexões sobre os discursos midiáticos característicos da sociedade em rede e da cibercultura, trago algumas ideias de leituras do livro *A Sociedade em Rede*, de Manuel Castells, e do livro *Cibercultura*, de Pierre Lévy. Também, de leituras da *Fenomenologia da experiência estética* de Mikel Dufrenne – obra estruturada em dois volumes: *O objeto estético e a Percepção Estética* – e do livro *Do Texto à Ação: ensaios de hermenêutica II* de Paul Ricœur. Trago, ainda, questões sobre hibridações culturais e interculturalidades, levantadas por Néstor García Canclini, Octavio Ianni e Henry Jenkins e os ensinamentos dos pensadores da Escola de Konstanz sobre a experiência estética desdobrada em experiência poética, na perspectiva da “Estética da Recepção”.

Como ilustração da reflexão desenvolvida, destaco duas experiências poético-estéticas midiáticas que articulam canções (música e versos) e história em quadrinhos, que combinam a linguagem literária-musical de canções e a linguagem visual da arte sequencial. São elas: o projeto da banda-estúdio gráfico SopaGrafix, denominado X Sampa: uma viagem musico-visual, que envolveu deslocamentos entre São Paulo e Buenos Aires; e o blog Quadrinhos Rasos, dos desenhistas Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho, que publica Quadrinhos feitos a partir de músicas. Nos dois casos identifiquei experiências de intertextualidade e de “narrativas transmidiáticas”, como

identifica Henry Jenkins no contexto da sociedade em rede. Tema, aliás, bem trabalhado por Denis Porto Renó, organizador desta edição.

Sociedade em Rede e Cibercultura

Vivemos tempos de interconexão midiática e hibridação tecnológica e cultural, que implicam na diluição das fronteiras entre produção e consumo de bens simbólicos, entre emissão e recepção de mensagens. Os processos de comunicação agora se dão em redes que interligam tecnologias e seres humanos, que articulam informação e entretenimento, que integram e sofisticam os meios de comunicação interpessoal, grupal e de massa. As escalas de tempo e distância são redimensionadas nesse novo cenário

Os aparatos tecnológicos que dão suporte a textos jornalísticos e de literatura são os mesmos que permitem acesso a filmes, músicas e games; são os mesmos nos quais se produz e se envia fotos e mensagens de texto, que se navega pelas redes sociais, ou se estabelece conversação interpessoal e grupal, com recursos de áudio e vídeo. É o tempo da multimídia, onde mobilidade e a interatividade imprimem nova lógica às relações entre os seres humanos e entre eles e as máquinas.

Vivemos a cibercultura, como define Pierre Lévy (1999). Para ele, o ciberespaço contemporâneo é lugar de “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária... como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (Lévy, 1999: 126). Ele nos adverte sobre a inadequação dos modelos teóricos e metodológicos tradicionais para o estudo e enquadramento dos novos sistemas de comunicação e informação. Daí a sua proposição do conceito cibercultura, a partir do qual podemos superar a velha separação entre civilização e cultura, entre ser humano e tecnologia.

O acesso à informação se torna cada vez mais difundido e a cultura é mais que nunca balizada pela mídia pluralizada, a multimídia, surgida dos avanços da tecnologia digital e das telecomunicações. A cultura midiaticizada em um contexto de “convergência cultural”, como nos sugere Henry Jenkins (2009), se apresenta de forma menos institucionalizada, tem um caráter mais de movimento. Segundo Lévy (1999), vivemos processos de desintermediação. Que estão mais para movimento. Trata-se, portanto, de um ambiente plural, que abriga expressões culturais das mais variadas, como observa Castells,

A característica mais importante da multimídia é que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade. Seu advento é equivalente ao fim da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (CASTELLS, 2006, p. 458)

Para as novas gerações esse novo cenário multidiático e intercultural se torna ambiente acolhedor e lugar de produção e consumo cultural. Lugar experiências poéticas e estéticas. Dentre as muitas manifestações culturais e artísticas presentes no ciberespaço, a música jovem tem merecido minha atenção. Os processos produtivos e os hábitos de consumo experimentam significativas transformações. A constituição de comunidades de apropriação e as relações de consumo cultural, entre autor e espectador, são bem distintas daquelas estruturadas na lógica da indústria cultural. Mais adiante neste texto traremos alguns exemplos de projetos artísticos que transitam entre produção musical e artes gráficas.

Experiência estética, Interpretação e estética da recepção

O pensamento de Mikel Dufrenne tem nos despertado interesse nos últimos anos. De sua obra paradigmática, *Phénoménologie de l'expérience esthétique*, publicada em 1953, recuperamos aqui os títulos dos dois volumes: I) *L'objet esthétique* (1992a) e II) *La perception esthétique* (1992b). Como se vê, o pensador francês identifica bem as duas dimensões às quais o pensamento estético se dedica: a obra produzida pelo artista e sua fruição por parte do receptor. Mas ele o faz desde uma perspectiva dialética, ao conceber a experiência estética na interconexão entre objeto estético e percepção estética, com clara valorização dos processos de interpretação vivenciados no campo da fruição. Para ele, artista e espectador se associam e compartilham a obra de arte: o espectador não é somente a testemunha que consagra a obra, ele é, à sua maneira, o executante que a realiza. (DUFRENNE, 1981, p. 82).

Tais concepções estéticas encontram sintonia com as formulações de Jacques Rancière, relativas à emancipação do espectador, que começa, segundo ele, “quanto se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura de dominação e da sujeição” (RANCIÈRE, 2012, p.17). O espectador emancipado é aquele que rompe a condição passiva de sujeição em relação à ação do criador. Mais que objeto da ação, a quem só cabe reação, Rancière resgata o espectador à condição de sujeito, que conduz novas ações no processo de seleção e interpretação do objeto estético, a partir de seu campo semântico e seu universo de representações.

A questão da interpretação, que coloca o espectador-receptor em uma relação dialética e dialógica com o artista-emissor, remete-nos ao campo de hermenêutica. Se o artista interpreta a vida, a natureza, em sua obra, a partir de seu campo de representações, o espectador interpreta a obra à luz de suas perspectivas de vida e inserção social. Com isso, a produção de sentidos se dá na esfera da fruição, que não se limita, por certo, a um estado contemplativo – na perspectiva do pensamento idealista – do espectador frente à obra. A fruição implica no exercício de apropriação e de

socialização da produção de sentidos, que ganha, então uma dimensão coletiva e cultural.

O uso da hermenêutica nos estudos comunicacionais tem crescido e permitido adensar nossa compreensão sobre a produção de sentidos em relação aos produtos artísticos presentes na cultura midiaticizada. Os ensinamentos de Hans-Georg Gadamer – em *Hermenêutica da obra de arte* (2010) – nos ajudam a compreender a relação dialética e dialógica que se dá na interação artista-obra-espectador. Também, podem nos levar a compreender melhor a relação entre emissor e receptor dos discursos midiáticos, desde a perspectiva da interação.

Mais do que um meio de transmissão, a obra, tomada como objeto estético oferecido à experiência estética, pode ser pensada na perspectiva das mediações, tal qual nos propõe Jesús Martín-Barbero (1994), em seu clássico deslocamento, dos meios às mediações. O diálogo, como nos ensina Gadamer, pressupõe uma relação de alteridade. Os interlocutores como que vão ao encontro um do outro, colocam-se no lugar do outro. O receptor comparece com o seu horizonte de expectativas, que incorpora um complexo conjunto de mediações socioculturais. As expectativas com as quais se confronta com a obra, em diálogo com o artista, são balizadas por essas mediações. E, assim, na percepção estética, o espectador acolhe e reelabora os sentidos do objeto estético, que pode ser pensado na perspectiva da comunicação, entendida como diálogo, no qual os interlocutores compartilham os sentidos, que se tornam comuns a eles. Sentidos que são compartilhados, também, pelos sujeitos com suas comunidades de apropriação, em seus contextos sociais.

A experiência estética se dá na sociedade, em dinâmicas de interlocução entre pares, balizada por um conjunto complexo de mediações culturais. A produção de sentidos extrapola, assim, uma dimensão sintático-semântica, e se insere em um plano semântico-pragmático. E nesta perspectiva a produção de sentidos se desdobra em ação. Do texto à ação, movimento bem presente nos ensaios de hermenêutica de Paul Ricœur (1998). Embora a atenção primeira da hermenêutica se dê em relação à recuperação do ato criador, ela não deve ficar limitada a esses contornos, próprios da exegese. A esse respeito Ricœur argumenta que quando a atenção se volta a uma problemática do texto, da exegese e da filologia, parece que restringimos a visada, o alcance e o ângulo da visão hermenêutica (RICŒUR, 1990, p. 135). E a radicalização desse deslocamento do texto à ação pode nos levar da hermenêutica à pragmática.

Ao discutirmos a experiência estética para além do texto (ou objeto estético), colocando-a no âmbito da ação (ou da percepção estética), trazemos para o centro de nossa discussão a problemática da recepção, desdobrada em experiência poética. Para tanto, revisitamos a Estética da Recepção proposta pelos pensadores da Escola de Konstanz, por volta dos anos sessenta do século XX. Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e outros integrantes daquele grupo procuraram revalorizar a figura do leitor no processo de interpretação das obras literárias, superando o determinismo marxista e a linearidade formalista.

Na perspectiva daqueles autores, entre obra e espectador ocorre uma relação de interação, que foge ao controle do artista-escritor. Segundo Jauss,

Quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores receberem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à poiesis, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na aisthesis e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. (JAUSS in: LIMA, 2002, p. 102)

Já para Iser, entre autor e leitor ocorre como que um jogo, no qual “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo” (ISER in: LIMA, 2002, p.107). Para ele, essa dupla operação de imaginar e interpretar leva o leitor a construir novas formas e sentidos, a partir de seu contexto, “transgredindo” as referências propostas no texto.

É, pois, na perspectiva da estética da recepção que trago aqui a ideia de intertextualidade. O leitor projeta na mensagem que frui as suas expectativas e, de certa forma, produz uma nova poiesis no contexto da aisthesis em um processo de re-criação. Se entendermos que no campo da recepção se opera um novo processo criativo, podemos, então, afirmar que a experiência estética se desdobra em experiência poética. Ou seja, da narrativa original surgem novas narrativas resultantes dos processos de apropriação presentes na experiência estética, em particular no campo da percepção estética, que envolve dinâmicas de interpretação e produção de sentidos.

Em muitas ocasiões, esse processo de intertextualidade resulta em transposições de linguagem e de suporte, em narrativas transmidiáticas. É o caso das produções da banda / estúdio gráfico SopaGrafix, que empreendeu um projeto em movimento entre São Paulo e Buenos Aires, e do site Quadrinhos Rasos, que publica adaptações de canções em linguagem de HQ. Essas duas experiências estético-poéticas são brevemente relatadas a seguir.

SopaGrafix: imagens que viram sons que viram imagens

A banda SopaGrafix tem a articulação música-quadrinhos em seu próprio processo produtivo e nas dinâmicas de shows. Trata-se de uma banda que é ao mesmo tempo um estúdio de design e artes gráficas, formada por músicos são também desenhistas. Em seu site a exposição de músicas se mescla com imagens de HQ, presentes também em camisetas e peças de decoração, e mapas que sugerem passeios pela cidade, algo próximo do universo videogame. Suas produções de HQ foram transformadas em painéis, levados a exposições públicas, onde a banda toca composições – predominantemente instrumentais – feitas a partir das imagens que estão expostas.

Nesse processo criativo em movimento, o grupo de músicos desenhistas paulista empreendeu uma viagem a Buenos Aires, de forma a desdobrar seu projeto X Sampa:

uma viagem músico-visual, que já fazia parte de seu portfólio. A etapa brasileira foi realizada pelos principais pontos turísticos e culturais da cidade de São Paulo, interpretados pelo SopaGrafix em sons (em linguagem de jazz à brasileira, repleta de citações regionais) e imagens (em linguagem de história em quadrinhos). A narrativa sem palavras passa pela rua Augusta, pelo parque do Ibirapuera, pelo Vale do Anhangabaú, pela praça da Sé, pelo bairro do Bixiga e pela estação da Luz, dentre outros logradouros emblemáticos da capital paulista. Lugares que no dia a dia da metrópole estão sempre repletos de pessoas e carros, mas que na música instrumental da banda ganham novos sentidos, objetivados pelas imagens compostas de elementos arquitetônicos e pessoas. Trata-se de uma hibridação de discursos, de uma mescla de história em quadrinhos, música instrumental e arte de rua, como conceitua o próprio grupo no vídeo de apresentação do X Sampa.

Um vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Xko6BM3Nz5M>, documenta a segunda etapa do projeto X Sampa: uma viagem músico-visual, realizada a partir de um período de dois meses em Buenos Aires. Os integrantes da banda foram, de carro, para a capital da Argentina, expuseram seus desenhos em lugares públicos e fizeram shows com músicos locais. Visitaram lugares, conversaram com pessoas. Interagiram. Novos cenários surgiram, representados em novos desenhos, e embalados por novas trilhas musicais. Trata-se, como se vê, de um processo de produção e circulação de discursos que articula bem experiência poética e experiência estética, em dinâmicas de criação e recriação cultural.

As produções do SopaGrafix e das demais bandas aqui trazidas servem de exemplo para as nossas reflexões sobre discursos híbridos em tempos de multimídia, de convergência tecnológica de cultural. A rua surge como espaço de produção e divulgação de sua arte. A cidade como conteúdo e continente das narrativas, tema e cenário de exposição, origem e destino dessas manifestações culturais. Lembrando a tradição da literatura de cordel e das cantorias dos repentistas, cultura popular, arte de rua, as poéticas e estéticas compostas de músicas, canções e arte sequencial em quadrinhos presentes na Web fazem da virtualidade nossa realidade, como diz Castells.

Quadrinhos Rasos: canções que viram história em quadrinhos

O blog² Quadrinhos Rasos, acessível em <http://www.quadrinhosrasos.com> se constitui em um espaço que traz o que podemos identificar como narrativas transmídia. Desde setembro de 2010 os desenhistas mineiros Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho mantêm o referido site-blog com Quadrinhos feitos a partir de músicas, aberto à colaboração de vários outros desenhistas. Como eles próprios relatam, o gosto por quadrinhos e por música popular os levou à criação desse espaço na rede, que acabou despertando o interesse de muitos internautas, o que permitiu o desenvolvimento de outros projetos, como é o caso do Livro-CD Achados e Perdidos.

Novas releituras de canções são publicadas mensalmente, desde a criação do blog há mais de quatro anos. Já são cerca de 100 HQs publicadas até o momento, de autoria dos criadores do blog e de outros colaboradores. E cada uma delas recebe comentários dos internautas, com desdobramentos de interpretação. Nalguns casos a mesma canção é trabalhada por vários ilustradores, o que gera uma narrativa mais longa, com diferentes abordagens em relação aos mesmos versos.

Esse é o caso, por exemplo, da canção Pais e Filhos, de Renato Russo, que ficou conhecida na interpretação da banda Legião Urbana. Como se pode ver em <http://www.quadrinhosrasos.com/?p=421>, os versos da canção Pais e Filhos³ recebem reinterpretações em formas variadas. Na maioria dos casos o tom irônico, próprio dos quadrinhos, deu um sentido lúdico ao tema dramático da canção de Renato Russo. O desenhista Daniel Lima brincou com a figura de um peixe colorido que flutua entre estátuas e cofres para depois sair voando do prédio em uma asa delta. Já o ilustrador Bruno Grossi, em desenhos de traços simples e muito coloridos, trouxe a interação de uma menina com extraterrestres, com a personagem fugindo de casa em um disco voador. Enquanto Rita Viana criou um ambiente mais tenso e melancólico, com cores diluídas e jogos de luzes e sombras, com uma personagem feminina em meio a sonhos e pesadelos. Sthefan Schultz, por sua vez, traz uma mãe acalmando o filho que tem dificuldades em dormir, como uma música de ninar, a partir de traços infantis e cores vivas. Por fim, Felipe Nunes retrata a canção a partir da ótica de um cão que corre para o quarto de seus proprietários com medo dos trovões, representado bem no estilo dos cartuns e charges, com traços espontâneos, sem o uso de cores.

O que mais chama a atenção nos Quadrinhos feitos a partir de canções publicados no blog é que raramente a narrativa se limita a uma ilustração dos versos interpretados, com o uso de espelhamento ou redundância. Em linhas gerais, o que se encontra são outras narrativas inusitadas, que se configuram, portanto, em novas poéticas surgidas da experiência estética dos desenhistas. Elas nos fazem lembrar das paródias e canções conhecidas e versões de canções estrangeiras. Mais que tudo, desafiam-nos a reconhecer que os processos de recepção, quando liberados da chave da decodificação, permitem verdadeiras releituras, traduzidas em novas narrativas.

E isso também pode ser feito no sentido inverso, quando uma história em quadrinhos gera uma composição musical. É o que acontece na história Achados e Perdidos, que foi criada por Damasceno e Garrocho e musicada por Bruno Ito, em um processo colaborativo. A história, com sua trilha musical está disponível em http://www.quadrinhosrasos.com/?page_id=335 e tem seu histórico de produção e viabilização financeira no site <http://catarse.me/pt/projects/238-achados-e-perdidos> que divulga projetos em busca de apoio financeiro. Como se pode ver, o projeto alcançou sua meta e se viabilizou em pouco tempo. A obtenção de apoio inseriu novos parceiros e espectadores para a história do garoto que um dia acorda com um buraco negro na

barriga, um vazio sem fim... A própria ideia de um vazio a ser preenchido desafia o leitor-ouvinte a imaginar novos desdobramentos da história, a criar novas narrativas para preencher esse vazio.

A trilha sonora segue uma construção melódica e harmônica de linha minimalista e tem versos cantados em inglês. As páginas do livro vão sendo folheadas da cadência da música, com o garoto Dev e seu amigo Pipo às voltas com a solução do mistério do buraco negro. Por certo, a produção *Achados e Perdidos* ilustra bem as reflexões trazidas neste artigo, que nos desafiam a achar sentidos (por vezes perdidos) nas narrativas com as quais nos deparamos, que nos sugerem a possibilidade da criação de novas narrativas a partir das mediações culturais que balizam nosso campo semântico-pragmático.

Considerações finais

A conhecida ideia de obra aberta, proposta por Umberto Eco (1968), se aplica bem a essas produções artístico-midiáticas da cultura contemporânea. Nelas a experiência estética não fica limitada ao objeto estético, mas se completa na percepção estética, na interação do artista – compositor, músico, quadrinhista, desenhista – com o receptor, vivenciada nos processos de interpretação. Ao nos propor uma “hermenêutica da obra de arte”, Hans-Georg Gadamer (2010) fala desse caráter transitório e em constante transformação da obra de arte, que ele sugere ser pensada como construto. Para ele (GADAMER, 2010, p. 52), o construto que a obra de arte é precisa ser sempre novamente erigido nas artes reprodutoras. Trata-se, pois, de um jogo entre obra e fruidor, de um confronto entre objeto estético e percepção estética, experienciado em uma relação especular. Segundo o filósofo alemão,

O jogo da arte é muito mais um espelho que sempre emerge novamente através dos milênios diante de nós, um espelho no qual olhamos para nós mesmos – com frequência de maneira por demais inesperada, com frequência de maneira por demais estranha – no qual olhamos como somos, como poderíamos ser, o que acontece conosco. (GADAMER, 2010, p. 56).

Nesse jogo, o espectador se apropria da obra, transformando-a em objeto estético. No âmbito da percepção estética, ele vivencia uma relação de troca, de natureza especular. Neste sentido poderíamos tomá-lo como um “expectador”, que projeta suas expectativas ao confrontar o objeto estético, a partir de seu campo semântico e de seu universo simbólico. A produção de sentidos se dá, então, em uma dinâmica dialética, plena de polissemias.

As produções aqui trazidas a título de ilustração, que se apresentam como experiências híbridas entre música e história em quadrinhos, ilustram nosso entendimento de que a produção de sentidos é algo dinâmico, que envolve obra e intérprete em um jogo especular. Na sociedade midiaticizada em que vivemos é preciso pensar a cultura e as produções midiáticas em uma perspectiva híbrida, em constante transformação, em um contexto de interculturalidades e mediações intermediárias, onde

o receptor vivencia na experiência estética uma experiência poética. Mais que um receptáculo das mensagens a ele transmitidas, o receptor se torna, então, um fruidor. Neste sentido, o confronto de Rancière (2011) entre embrutecimento e emancipação do espectador nos desafia a entender a dimensão pedagógica da comunicação, na formação de leitores-ouvintes ativos, de interlocutores.

Quanto isso acontece nas intersecções entre arte e mídia, entre estética e comunicação, a liberdade de participação dos interlocutores, então emancipados, se amplia e o fenômeno comunicacional alcança a sua essência prevista na idéia de compartilhamento, de tornar comum a muitos, conforme origem etimológica do verbo comunicar, do latim *communicare*. A experiência estética na cultura midiaticizada contemporânea pode ser dinamizada como tal, como um jogo de inter-relações criativas, marcadas pela interatividade e possibilidades de constante re-criação. O contexto de convergência tecnológica, hibridações midiáticas e interculturalidades é propício a essa redescoberta da relação interacional da comunicação. Em especial, quando visualidades e sonoridades são trazidas para a mesma experiência poético-estética.

Os discursos híbridos presentes no universo midiático contemporâneo e seus processos de produção e apropriação merecem a atenção dos pesquisadores latino-americanos. E o seu estudo pode ser feito a partir da hermenêutica e da estética de origem europeia; bem como, das teorias das mediações e da midiaticização propostas por pensadores latino-americanos.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Laan Mendes de (Org) (2011). Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais. São Bernardo do Campo: UMESSP.
- BARROS, Laan Mendes de (2012). Experiência estética e experiência poética: A questão da produção de sentidos. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. Anais GT Comunicação e Experiência Estética. Juiz de Fora: UFJF / Compós.
- BARROS, Laan Mendes de (2013a). Experiência estética na Cultura Midiaticizada: hibridações entre música e história em quadrinhos. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. Anais GT Comunicação e Experiência Estética. Salvador: UFBA / Compós.
- BARROS, Laan Mendes de (2013b). Hibridações estéticas midiaticizadas: diálogos entre música e quadrinhos. Comunicação, Mídia e Consumo, ano 10, v. 10, número 28. p. 87-116. São Paulo: ESPM.
- BARROS, Laan Mendes de (2014). Poéticas e estéticas de canções enquadradas na Web: Discursos híbridos em tempos de multimídia. In: XII Congresso da ALAIC – asociación latinoamericana de investigadores de las ciencias de la comunicación. Lima (Peru) : PUCP.

- BRAGA, José Luiz (2006). A sociedade enfrenta a sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus.
- CASTELLS, Manuel (2006). A Sociedade em Rede, 9ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CAUNE, Jean (1997). Esthétique de La Communication. Paris: Presses Universitaires de France.
- CRUZ, Maria Teresa (1986). A estética da recepção e a crítica da razão impura. In: Revista Comunicação e Linguagens, No. 3. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem.
- DEWEY, John. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUFRENNE, Mikel (1981). Estética e filosofia. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva.
- DUFRENNE, Mikel (1992a). Phénoménologie de l'expérience esthétique – Tome I – L'objet esthétique. Paris: Presses Universitaires de France.
- DUFRENNE, Mikel (1992b). Phénoménologie de l'expérience esthétique – Tome II – La perception esthétique. Paris: Presses Universitaires de France.
- EISNER, Will (2010). Quadrinhos e Arte Sequencial - Princípios e Práticas do Lendário Cartonista - 4ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- GADAMER, Hans-Georg (2008). Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 9ª. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- GADAMER, Hans-Georg (2007). Verdade e método II: complementos e índice. 3ª. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- GADAMER, Hans-Georg (2010). Hermenêutica da obra de arte. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (2008). Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade, 4ª. ed. São Paulo: Edusp.
- IANNI, Octavio (2000). Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- JENKINS, Henry (2009). Cultura da convergência. 2ª. ed. São Paulo: Aleph.
- LÉVY, Pierre (1998). A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola.
- LÉVY, Pierre (1999). Cibercultura. São Paulo: Ed 34.
- MARTIN-BARBERO, Jesús (1997). Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

MARTIN-BARBERO, Jesús (2004). *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola.

RANCIÈRE, Jacques (2009). *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed 34.

RANCIÈRE, Jacques (2011). *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

RICŒUR, Paul (1998). *Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II*. Paris: Ed du Seuil.

RICŒUR, Paul (1990). *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro

¹ Doutor em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com pós-doutorado pela Université Stendhal Grenoble 3. Docente em cursos de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: laan.mb@uol.com.br

² Optou-se por utilizar a denominação blog, neste artigo, em razão da natureza aberta e participativa dos *Quadrinhos Rasos*, embora seus criadores ora denominam sua página na web de site, ora de blog.

³ Estátuas e cofres e paredes pintadas / Ninguém sabe o que aconteceu / Ela se jogou da janela do quinto andar / Nada é fácil de entender / Dorme agora / É só o vento lá fora... // Quero colo! Vou fugir de casa / Posso dormir aqui com vocês? / Estou com medo, tive um pesadelo / Só vou voltar depois das três... // Meu filho vai ter nome de santo / Quero o nome mais bonito / É preciso amar as pessoas / Como se não houvesse amanhã / Porque se você parar pra pensar / Na verdade não há... // Me diz, por que que o céu é azul? / Explica a grande fúria do mundo / São meus filhos / Que tomam conta de mim / Eu moro com a minha mãe / Mas meu pai vem me visitar / Eu moro na rua, não tenho ninguém / Eu moro em qualquer lugar... // Já morei em tanta casa / Que nem me lembro mais / Eu moro com os meus pais / É preciso amar as pessoas / Como se não houvesse amanhã / Porque se você parar pra pensar / Na verdade não há... // Sou uma gota d'água / Sou um grão de areia / Você me diz que seus pais não te entendem / Mas você não entende seus pais / Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo / São crianças como você / O que você vai ser / Quando você crescer.